Raimundo Ramos Filho (Ramos Cotoco)

RUBENS DE AZEVEDO(*)

No dia 21 de maio de 1971, os alunos da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, liderados pelo professor José Liberal de Castro, membro do Instituto do Ceará, promoveram uma reunião comemorativa do primeiro centenário de Raimundo Ramos Filho, o Ramos Cotoco. O professor Liberal fez a apresentação do conferencista, Otacílio de Azevedo, poeta e pintor, companheiro de Ramos Cotoco, tecendo algumas considerações que julgamos oportuno transcrever:

"Raimundo Ramos Filho enche as cenas da vida comum e cultural de Fortaleza em fins do século passado (Século XIX) e inícios do atual (Século XX). Nasceu em 1871 e morreu em 1916. Ele viveu, talvez, uma das épocas de mais produtividade cultural da cidade de Fortaleza e numa época em que aquela produção poderia ter uma relativa independência em relação aos padrões importados, dado ao fato de que hoje as comunicações são muito rápidas, não permitindo o desenvolvimento da nossa cultura local. Ele participou de um tempo muito rico que se inicia exatamente no momento em que ele nasce - talvez um pouco antes, em 1873, com a criação da chamada ***Academia Francesa***, aqui, no Ceará, formada de jovens intelectuais que criaram outras entidades culturais que se sucederam, todas elas surgidas em fins do século XIX, para culminar com aquela conhecida ***Padaria Espiritual***, cujo trabalho atravessou nossas fronteiras."

"Ramos viveu numa época de grandes transformações: cria-se a Assembléia Provincial, cujos cem anos de existência agora decorrem - data de grande importância para os arquitetos, concluindo, de certa forma, com a inauguração do Theatro José de

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Alencar, em 1910. Essas obras arquitetônicas balizam um período de grande importância cultural da cidade de Fortaleza. Ramos viveu praticamente esse período, numa cidade pequena que se transformava rapidamente num grande centro comercial de exportações e a criação de uma pequena burguesia bastante ativa em termos de comércio. Esse período tem seu final com a criação da Faculdade de Direito, em 1903, e, posteriormente, a Escola de Agronomia, a Escola de Farmácia e Odontologia e outras.Tudo isso mudou o comportamento da nova sociedade. Acreditamos que esse período foi fundamental e muitas vezes já tivemos oportunidade de estudar, aqui na Escola, de maneira mais profunda."

Na conferência realizada, Otacílio de Azevedo diz que admirava Ramos Cotoco quando ainda morava em Redenção e folheava o livro ***Cantares Bohemios***, que enfeixava a obra poética e musical do artista. Ao chegar a Fortaleza, pediu a seu irmão Júlio (pintor e flautista), que o apresentasse a Ramos, o que foi feito. Daí por diante, Otacílio era como uma sombra do pintor boêmio, acompanhando-o por toda parte e vendo-o pintar ou ouvindo-o cantar, nas serenatas, em noites de lua cheia...

Recorremos, mais uma vez, ao arquiteto Liberal de Castro para nos dar uma idéia da Fortaleza antiga, na qual floresceram artistas de escol como Raimundo Ramos, Antônio Rodrigues, José de Paula Barros e muitos outros - isso para mencionar apenas o campo das artes plásticas. Diz Liberal de Castro no seu livro ***Fatores de Localização e Expansão da Cidade de Fortaleza*** (Edição da UFC realizada como contribuição do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Tecnologia da UFC, ao XXXI Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - 1977):

"Aquele período é de suma importância. Inauguram-se os serviços de bondes de burro, iluminação pública, calçamento das ruas centrais, telefones, telégrafo, cabo submarino, fundam-se as primeiras associações culturais e sociais; tentam-se os primeiros projetos para se dotar a cidade de um porto organizado. As atividades culturais entram num período de grande efervescência, propiciando o aparecimento de nomes que brilharão intensamente no cenário nacional. Como fator de importância, conta essa época

com a criação da Escola Militar do Ceará, transformada posteriormente em Colégio Militar, Escola Preparatória e novamente Colégio Militar. Estabelecimentos de ensino semelhantes existiram também no Rio Grande do Sul, o que explica a presença constante de cearenses e gaúchos nos altos escalões do Exército Nacional."

"Mesmo assim, ao cruzar o século, a Fortaleza é uma aglomeração urbana bem modesta. Não possui mais do que 48.000 habitantes. O censo de 1920 dá-lhe 78.000 moradores. A cidadezinha continua a crescer, devagar, arrumadamente, contando então com uma Faculdade de Farmácia e Odontologia , de 1917 e uma Escola de Agronomia, de 1918 que já passou do meio século. A criação da Faculdade de Direito cortaria os últimos laços de dependência cultural, neste caso para com Pernambuco, tão apertados na Colônia, e que começam a se desatar depois da separação da Capitania, em 1799."

A cidade modernizava-se ou, pelo menos, modificava a sua fisionomia. Ramos Cotoco era figura essencial na roda da boêmia e das artes. Pintava anúncios nos quiosques da Praça do Ferreira e nas paredes solarengas das residências ricas. Raimundo Giraão, em seu livro ***Geografia Estética de Fortaleza*** fala dos quiosques:

"Ainda outro elemento de polarização sobremaneira concorreu para aumentar-lhe a influência (da Praça do Ferreira): os quiosques levantados nos seus quatro cantos, originais cafés-restaurantes que tanta graça e utilidade trouxeram ao privilegiado logradouro, em que pese a opinião de João Nogueira, considerando-os uns aleijões. Eram pavilhões de madeira, assentados em base de alvenaria, artisticamente construídos com suas varandas de ferro, os seus recortes e lambrequins de sóbrio e simpático efeito. Abertos até certa hora da noite, até que seguisse o destino o último bonde da Carril, nas suas mesinhas interiores e nas que se espalhavam fora, regalavam-se os fregueses, tomando café e refrescos, comendo refeições de bom cardápio, degustando cervejas ou aperitivos mais quentes, palestrando assuntos ou contemplando, descuidosamente, o burburinho das idas e vindas dos transeuntes."

"Foi o Java o primeiro a funcionar, ocupando o ângulo nordeste da Praça, a olhar para o prédio da Intendência e para o

Quartel da Guarda Cívica. O seu dono era Manuel Côco, quiçá, àqueles tempos, o tipo mais singular de Fortaleza, alvo de imensa popularidade."

Descreve ainda Raimundo Girão:

"No ângulo noroeste achava-se o Café do Comércio. No de sudoeste, o Iracema e, no de sudeste, o Elegante. Dois destes foram erguidos pelo negociante Pedro Ribeiro Filho para o que obteve da Câmara Municipal a devida permissão, em 10 de junho de 1891. Construiu-os à sua custa, mediante planta aprovada pelo arquiteto oficial, e os usufruiria durante dez anos, sem isenção de impostos e com reversão, terminado o prazo, ao patrimônio do Município. Parece que foram o Café do Comércio e o Café Elegante. O primeiro dstes era o maior de todos, dispondo, como o Elegante, de um andar além do térreo em forma de ***chalet***, o que os outros não tinha."

Nestes cafés havia expositores de metal, onde Ramos Cotoco pintava as suas reclames. Otacílio de Azevedo, em seu ***Fortaleza Descalça*** escreve: "A primeira vez que o vi pintar foi no Café do Comércio, a esse tempo um quiosque de madeira no ângulo noroeste da Praça do Ferreira. Pintava ele uma série de anúncios multicores de lojas de modas, armarinhos e casas de ferragens. A beleza do colorido, a distribuição dos letreiros, tudo era deslumbrante. Só ele sabia arranjar com graça e espontaneidade um buquê de flores, um laço de fita, na onda dos cachos castanhos de mulher."

Adianta Otacílio, *op cit*: "Na época em que atingira o apogeu de sua popularidade, não havia um alpendre ajardinado ou sala de jantar onde o seu pincel miraculoso não desse o sinal de sua presença, valorizando ricos solares e modernos bangalôs."

Ramos Cotoco exercitava a sua arte nos quiosques da praça, no Café Fênix, situado no local onde é hoje o prédio dos Correios e no famoso Café do Pedro Eugênio, situado na segunda seção da linha de bondes do Benfica. Era semelhante ao Café Java, feito de taliscas de madeira pintadas de verde, com lambrequins brancos: Era rodeado de frondosas mangueiras, sob cuja sombra eram colocadas mesas e cadeiras desarmáveis. O proprietário – diz Otacílio – morava vizinho e, quando, altas horas da noite, surgia um bando

de alegres seresteiros, ele levantava-se e abria o estabelecimento a fim de "servir-los com a melhor aguardente do cumbe, feita em alambique de barro, no Aracati". Nesse café reunia-se a fina flor da boêmia e da intelectualidade cearenses.

O livro ***Cantares Boêmios***, de Ramos Cotoco, foi "lançado" no Café do Pedro Eugênio em circunstâncias curiosas. Demos a palavra ao pintor e poeta Otacílio de Azevedo, no seu já citado ***Fortaleza Descalça***: "Em 1906, ao se deitar certa noite, ouviu que estavam cantando em frente ao seu quiosque, mas o seu enfado e sono eram tão grandes que não teve coragem de se levantar para abrir o café. Ferrou no melhor sono deste mundo."

"Manhã cedo, quando foi abrir o café, verificou, assombrado, que a porta havia sido aberta à força. Constatou, surpreso, que, sobre uma das mesas de mármore branco havia um livro de poesias e muitas quadras estavam escritas a lápis na mesa, todas assinadas com nome dos respectivos autores: Raimundo Ramos, Fernando Weyne, Quintino Cunha, Virgílio Brandão, Amadeu X. de Castro, Carlos Severo, Carlos Gondim - todos poetas e os músicos Mamede Cirino, Elesbão, Abel Canuto e Pompílio. O livro de poesias era ***Cantares Boêmios***, de Raimundo Ramos, mais conhecido como Ramos Cotoco".

"O episódio despertou a atenção de todos e um jornalista da época escreveu sobre o fato uma reportagem que saiu publicada em **O Malho**, revista de grande circulação em todo o Brasil"."

"A pedra na qual foram escritas as trovas foi conservada durante vários anos, coberta com um vidro e enviada para o Rio de Janeiro, em 1915, quando faleceu Pedro Eugênio".

Falando dos divertimentos da cidade de Fortaleza, por volta de 1898, o historiador Raimundo Girão, no capítulo ***A Princesa diverte-se***, do livro ***Geografia Estética de Fortaleza*** (2ª edição, Banco do Nordeste do Brasil, 1979), escreve:

"Não tardou que grupos de rapazes, como que em oposição velada do Diversões, fundasse o ***Grêmio Taliense de Amadores*** - 14 de julho de 1898, que estreou no dia 28 do mês subseqüente, no Variedades, localizado na rua Senador Pompeu, quase esquina da Liberato Barroso, lado nascente. A estréia foi a interpretação do

drama ***Nódoas de Sangue***, em três atos, e da comédia ***Um quadro de Casados***, tendo como participantes, auxiliados pela atriz Virgínia Gadelha, os amadores Ágabo Teófilo, Campos Junior, João Araújo, Pedro Frota, José Marçal, Benjamim Carneiro, Leônidas Morais e, como ensaiador, Francisco Higino Barbosa Lima. Pertenceram também ao Grêmio Taliense, afora outros, Álvaro Martins - o poeta de *Os Pescadores da Taíba*, João de Alencar Araripe, Joaquim Acioli, Francisco Esteves, Antônio Padilha Negreiros, Francisco Padilha, Antonio Capibaribe, os conhecidos boêmios Antonio Rodrigues e Ramos Cotoco e Otávio Gonçalves da Justa. Havia um corpo orquestral regido por Américo Lima e de que participavam: Mamede Cirino de Lima, Joaquim Cals de Oliveira, José Severiano Filho, Raimundo Guilherme Sobrinho, Carlos Jatí, Antonio Barbosa, José Caetano de Oliveira, Artur Vitoriano, José Matos de Vasconcelos, Antonio Siqueira, Lucas Evangelista, Roberto Muratori e George Moreira Pequeno".

Segundo nos descreve Otacílio de Azevedo, que seguia Raimundo Ramos como uma sombra e via-o trabalhar, o artista preparava, ele próprio, a suas tintas. Àquela época, a única tinta existente era a "Lefranc", importada de Paris e caríssima. Como a maioria das pinturas eram painéis em paredes de palacetes, reclames para os quiosques, mercearias e cafés, Ramos utilizava tintas de pacote, as quais ele preparava da seguinte maneira: cobria um vidro com a camada de tinta em pó, sobre o qual rolava uma garrafa para afinar ainda mais os grãos. Depois desse penoso trabalho, adicionava o óleo de linhaça (a esse tempo de excelente qualidade) e, utilizando uma espátula metálica, levava horas a massagear a massa, tornando-a fina e facilmente solúvel. Era assim que trabalhava Ramos Cotoco. Diz ainda Otacílio que as cores por ele elaboradas eram de uma pureza sem par: seus amarelos, vermelhos, verdes, azuis, roxo-terra eram belíssimos e de uma transparência sem par.

Ramos Cotoco era um seresteiro de mão-cheia. Possuía uma bela voz de barítono e saía pelas noites de luar, acompanhado dos músicos Abel Canuto e Bonfiglio (violonistas), Elesbão (saxofonista) e outros. Às portas das donzelas, sob os balões, sua voz

ecoava, fazendo palpitar os corações das donzelas casadouras. Havia muitos cantores populares na época, mas, segundo alguns de seus companheiros, ninguém o superava na extensão vocal e no sentimento. Ele cantava, via de regra, as suas próprias composições, muitas das quais constam no seu livro ***Cantares Boêmios***, impresso pela Lito-Typographia a Vapor, em 1906. O livro ostentava, além das letras, as partituras das músicas. Fernando Weyne, que fez o Prefácio, diz que Ramos era poeta descuidado na forma, fazendo-lhe algumas restrições, segundo nos diz o ***Dicionário da Literatura Cearense***, de Raimundo Girão e Maria Conceição Sousa: "Ramos Cotoco talvez seja mesmo o nome de maior projeção na modinha cearense, que teve destacados cultores como João Quintino, Quintino Cunha, Roberto Xavier de Castro (metodista), Carlos Severo e Amadeu Xavier de Castro isto porque foi o mais autônomo de todos, o que mais se fixou nos costumes, nos fatos e nas coisas do Ceará. Enquanto todos seguiam o habitual diapasão monótono, num lacrimejar constante, Ramos Cotoco preferiu a ironia, a sátira, a piada, o comentário gracioso, a caricatura mordaz e espirituosa. Como modinheiro, Ramos Cotoco foi o verdadeiro cronista sonoro".

Servimo-nos, ainda de Otacílio de Azevedo, seu maior admirador e companheiro constante: "Os primeiros trabalhos que vi de Ramos Cotoco (eu era ainda menino), foram um retrato a lápis de Carlos Gomes e uma bandeira de S. João Batista, além de uma extraordinária paisagem campesina, de uns cinco ou seis metros, que servia de fundo a uma Lapinha organizada por Dona Virgínia Paes de Barros, em Redenção. Começou aí minha admiração pelo artista".

Prossegue Otacílio: "Vivem, como fossem pintados ontem, em plena pujança e vigor, no nosso Theatro José de Alencar, as belíssimas alegorias que emolduram os retratos de Carlos Gomes e José de Alencar".

Vejamos, ainda na descrição de Otacílio, o aspecto físico de Ramos Cotoco: "Reclamista único em Fortaleza, mergulhado num surradíssimo jaquetão de casemira azul, calças boca-de-sino (como se usa hoje) e que lhe serviam, ao mesmo tempo, de colete, cha-

péu chaleira de palhinha, nariz de água, olhos de amêndoas, largos bigodes onde se escondia metade do queixo, gravata de manta e negras madeixas de cabelo sobre a testa pequena e sonhadora - eis, sem tirar nem pôr, a caricatura fidelíssima do Raminho que eu sempre vi e, que Deus me perdoe, toda a vida invejei...".

Falemos um pouco da paisagem onde Ramos desenvolvia os seus talentos, ou seja, a Praça do Ferreira. Diz Mozart Soriano Aderaldo no seu livro ***A Praça*** (1989): "A Praça do Ferreira era, até 1902, vasto areal cercado de mongubeiras e outras árvores, onde se realizavam feiras (seu primitivo nome fora Feira Nova). Não se revestia, sequer, de calçamento tosco e apresentava em toda a sua extensão manchas irregulares de capinzal. Sua crescente importância decorreu do indisfarçado interesse que lhe devotava o boticário Ferreira e, a partir de 1880, da instalação, em seu derredor, dos pontos de estacionamento de bonde à tração animal".

Os quiosques foram preservados pelo prefeito Cel. Guilherme Rocha quando, no início do século XX, embelezou a Praça do Ferreira, convertendo-a, segundo Raimundo Girão, *op cit*, "num jardim de encantos: a parte mais central do quadro cercado de gradis e, no interior, floridos de belos canteiros rodeados de bancos. Ao redor do vasto piso de cimento róseo, nos quatro lados, uma série de frades de pedra de lioz. Os cafés tiveram, daí para a frente, mais vida e puderam estender suas mesas e cadeiras mais cômodas e convidativamente".

Na Nota nº 25, de Raimundo Girão, comentando o livro ***Descrição da Cidade de Fortaleza***, de Antonio Bezerra de Menezes, consta:

"No terreno baldio situado entre o primitivo prédio da Escola Normal e o em que se encontra o Batalhão de Segurança do Estado, um e outro extremos do lado sul da praça Marquês do Herval, hoje praça José de Alencar, foi construído o Theatro José de Alencar, começadas as obras em 1908 e concluídas em 1910. A sua estrutura metálica veio da Inglaterra, fabricada pela empresa Walter Mas Fornale and Co., de Glasgow. O serviço de cenografia estava a cargo do Dr. Herculano Ramos, arquiteto, pintor residente em Natal e parente de Gustavo Barroso, que passou a auxiliá-lo e

ele conta como o fazia em seu livro consulado da China, o 3º volume de suas Memórias, p. 166. Empenhados nesse trabalho de decoração do Theatro estiveram Jacinto Matos, Ramos Cotoco (Raimundo Ramos), José de Paula Barros e Antônio Rodrigues (A. Roiz), cada qual realizando tarefas dignas da melhor nota".

Dolor Barreira, em sua monumental ***História da Literatura Cearense*** menciona Ramos Cotoco no segundo volume. Escrevendo sobre a Academia Rebarbativa (p. 58) refere-se à revista ***Ceará-Revista***, que se constituiu o seu órgão. Tinha como corpo redatorial Genuino de Castro, Gil Amora e João Catunda, nela colaborando briosamente, além dos seus redatores: Carlos Severo, Luis de Castro, Raimundo Ramos (vulgo Ramos Cotoco), César de Magalhães, Melo Sidnei, Josias Goiana, Ramos Neto, Paula Achilles, Liberato Nogueira, Gustavo Barroso, Antonio Sales e outros". A revista durou cerca de um ano (1911).

Sânzio de Azevedo diz porém em ***Novos Ensaios de Literatura Cearense*** (p. 127-8) que a Revista não era órgão oficial da Academia Rebarbativa - na verdade, ela era independente.

Na página 218 da mesma obra, diz Dolor Barreira: "grande movimento literário do ano de 1906: *Crepúsculo*, de Júlio Olímpio; *Poema de Amor*, de B. Meira filho; *Algas*, de Francisco Luís de Vasconcelos; *Cantares Boêmios*, de Raimundo Ramos (Ramos Cotoco); *Elegia*, de Álvaro Bomílcar; *Loucuras* (ou *A Pequena Cruz do Teu Rosário*), de Fernando Weyne; *Almanaque do Ceará* e sua contribuição literária de 1906; *A República*, literalmente falando, de fevereiro a junho de 1906; Pe. Antonio Tomaz e o prosseguimento dos seus imortais sonetos.

Diz ainda Dolor Barreira, *op. cit*, p. 242: "Raimundo Ramos, apelidado de Ramos Cotoco pela falta do antebraço direito e conhecido por um enorme escandaloso girassol que lhe sobressaía permanentemente da lapela do casaco, também publicou em 1906 os seus ***Cantares Boêmios***. O livro é prefaciado pelo malogrado Fernando Weyne e contém as poesias elaboradas de 1888 a 1906. Uma dupla musa parece presidir esses **cantares**: a musa lírica e a musa patusca ou brejeira, humorista, se quiserem. Esta última feição do livro transparece na sua segunda parte, a que o poeta deu a correspondente e ajustada de nominação de **boêmios**".

Ainda Dolor Barreira:

Lê-se na revista Fortaleza a respeito de ***Cantares Boêmios***: "É este o turíbulo onde um boêmio queima o incenso dos seus olhos. Raimundo Ramos é o nosso boêmio sem par. Olha a vida por um só prisma – o prazer; sua existência desliza-lhe plácida e fagueira como a de uma criança embevecida nos seus brincos... Se Ramos na música nos deleita, na pintura nos fascina, no verso não nos deixa de agradar."

Por volta de 1907, Gustavo Barroso lançou, com José Gil Amora, um jornal intitulado ***O Garoto***, dito "critico, desopilante, molieresco e rabelaisiano". Gustavo diz que o jornal "Mexia com Deus e todo mundo e era disputado às esquinas da Praça do Ferreira. Comentava os acontecimentos da semana em crônica dirigida aos *sorumbáticos* e *pantagruélicos* letreiros". Diz mais Gustavo Barroso: "Na Galeria os poetas da cidade: Eutímio Lopes, guarda Alfândega, com sua cara mongólica, apelidado poeta-aduaneiro; Alfredo de Miranda Castro, com seu perfil sisudo, o poeta-pitu; Genuíno de Castro, com seu prognatismo, o poeta-queixinho; Sebastião Cavalcante, de nariz descompassado, o porta-Mirabeau; Areal Souto, de gravata borboleta, o poeta areal-solto; Assis Nogueira, que zumbia como um besouro, o poeta botocudo e Eleutério Marcos, de ventas esborrachadas, o poeta – raspa-de-cavaco. A Galeria Pirotécnica compunha-se de vultos de outra laia: Dias da Rocha, o Dias-do-Museu, fundador do Museu Rocha, que o Governo aniquilou com impostos; o retratista a crayon Antônio Rodrigues; o pintor Ramos Cotoco:"

"Eis aqui, caro leitor,
O Ramos, o tal pintor,
Que a mão direita não mete
No bolso do palitó;
Mas com a outra, esquerda, só
Pinta a manta e pinta o sete"."

No livro ***Crônicas da Província do Ceará***, Manuel Albano Amora, fazendo a biografia de José Gil amora, diz: "Cercavam-no

um grupo de literários e boêmios, Gustavo Barroso, Mário Linhares, Genuíno de Castro, Josias Goiana, Luís de Castro, Carlos Severo, Paula Barros, Antonio Rodrigues, Ramos Cotoco, Raul Uchoa, Liberato Nogueira, Tibúrcio Brígido, Luís de França Ferreira, Diógenes Vasconcelos, dentre outros".

***

Raimundo Ramos viveu apenas 45 anos, mas foi feliz, numa cidade-menina que tinha mais encantos do que problemas, mais flores do que os espinhos da planta que chamamos progresso. Viveu uma vida intensa, animada pelo companheirismo sadio dos intelectuais e boêmios da época, todos à procura de um ideal. Suas noites de belas serenatas bem que lhe valeram séculos...

Otacílio de Azevedo finaliza o capítulo de ***Fortaleza Descalça***, que dedica ao seu velho mestre, assim:

"Raimundo Ramos faleceu em 1916. Ninguém, até hoje, se lhe avantajou, quer no desenho, quer no colorido ou na espontaneidade. Foi um brilhante que esse lapidou a si mesmo e o seu nome resistirá, como um sol, às intempéries do tempo".

Otacílio menciona obras de Ramos Cotoco que ainda podem ser vistas, além da decoração do Theatro José de Alencar: um quadro de S. Vicente de Paulo, em tamanho natural, na sociedade São Vicente de Paulo, e o teto da Igreja do Carmo, em Fortaleza. O autor lembra que sua mãe, D. Tereza Almeida de Azevedo, esposa de Otacílio, contava ter visto quando menina, o Ramos pintar uma cercadura num dos aposentos do solar José Quirino, na rua Floriano Peixoto. Dizia ela que passara o dia apreciando o artista, trepado numa escada, pintando a cercadura, feita de rosas – rosas que ele resolvia, com duas ou três pinceladas seguras e que pareciam ressaltar da parede, frescas e belas.

Ramos decorou o solar do Dr. Eliézer Studart, na esquina das ruas General Sampaio e D. Pedro I, com um painel de muitos metros representando uma paisagem da Amazônia. A casa foi demolida. O Dr. Evandro Studart da Fonseca fotografou o mural e a casa antes de sua demolição.

Representou Ramos, ao lado de José de Paula Barros, Antônio Rodrigues, Amadeu Xavier de Castro, Carlos Severo, Quintino Cunha e muitos outros, uma fase áurea da poesia, da música e da pintura da velha Fortaleza descalça, cantada em prosa e verso por inúmeros bardos, todos apaixonados pelos encantos da "Loura desposada do sol".

Referências bibliográficas

01. ADERALDO, Mozart Soriano. "História Abreviada de Fortaleza". Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1974.
02. ____. "A Praça". Fortaleza: Tiprogresso, 1989.
03. AMORA, Manoel Albano. "Crônicas da Província do Ceará". Fortaleza: UFC, 1990.
04. AZEVEDO, Otacílio de. "Fortaleza Descalça". Fortaleza: UFC, 1992.
05. AZEVEDO, Sânzio de. "Novos Ensaios de Literatura Cearense". Fortaleza: UFC, 1992.
06. BARREIRA, Dolor. "História da Literatura Cearense" - 2º volume - Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1951.
07. BARROSO, Gustavo. "Consulado da China" - 3º volume de Memórias - Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, sem data.
08. BÓIA, Wilson. "Associações Literárias de Fortaleza". Fortaleza: Secult, 1988.
09. CASTRO, José Liberal de. "Fatores de Localização e de Expansão de Fortaleza". Fortaleza: UFC, 1977.
10. GIRÃO, Raimundo. "Geografia Estética de Fortaleza" - 2ª Edição. Fortaleza: BNB, 1979.
11. ____ et SOUSA, Maria da Conceição e. "Dicionário da Literartura Cearense". Fortaleza: Ioce, 1987.
12. NOBRE, F. da Silva. "Cronologia da Cultura Cearense". Rio de Janeiro: ACCLARJ, 1988.